

A IMPORTÂNCIA METODOLÓGICA DO PATRIMÔNIO CULTURAL PARA O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA

Jael Flávia de Paiva Araújo¹

jaelfpa@hotmail.com

RESUMO: Sendo bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), estou tendo a oportunidade de contato e experiência no ensino básico antes das atividades do estágio curricular e da conclusão do curso. O Subprojeto de História ao qual estou vinculada visa à utilização de métodos de ensino, com o uso dinâmico do áudio visual. Fomos acolhidos no Colégio Estadual Antensina Santana, localizado na região central de Anápolis/GO, com a colaboração da professora supervisora. Primeiramente, conhecemos a realidade do colégio, a sua história e o seu modelo de ensino. Em seguida, adquirimos conhecimento teórico sobre as metodologias que seriam estudadas e aplicadas no projeto. Durante o período de aplicação das metodologias fomos orientados a trabalhar em duplas para monitorar exclusivamente as turmas dos 9^{os} anos com metodologias específicas. Desde então, além de participar das outras metodologias, tenho me dedicado mais diretamente ao uso didático do Patrimônio Cultural e a sua real importância social para o ensino de História.

Palavras-chave: Metodologias de ensino. Relato de experiência. PIBID.

Introdução

O Subprojeto de História do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, da UnUCSEH Anápolis/GO, foi concebido diante das relações, muitas vezes distante, entre a educação básica e o ensino superior. Buscando esta aproximação e o diálogo construtivo entre ambos, o uso das metodologias de ensino diferenciadas foi a alternativa escolhida para o enfrentamento deste desafio.

O colégio escolhido para implantação do subprojeto foi o Colégio Estadual Antensina Santana (média 4,0 no IDEB de 2009), que abriu as suas portas para a recepção dos

¹ Acadêmica do 2º Ano do curso de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG), bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), coordenado pela Professora Dra. Maria de Fátima Oliveira.

integrantes do subprojeto. Fundado em 18 de março de 1926, atualmente o colégio é uma instituição de ensino respeitada que atende principalmente alunos vindos do subúrbio. Os pais, em vários casos, trabalham na região central da cidade de Anápolis e buscam os filhos no final da aula, e havendo também o caso dos alunos carentes que usam transporte coletivo e dependem do auxílio de bolsas do governo para o seu sustento.

As dificuldades apresentadas no último Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola referem-se em grande parte aos alunos, que possuem pouco interesse, diferentes níveis de aprendizado, abandono elevado no turno noturno, e ainda o problema dos pais, que quase não se envolvem no ensino dos filhos.

Para superar tais dificuldades, segundo o PPP, o colégio deve reforçar os seus vínculos com a comunidade, principalmente com a Igreja de Sant'Ana, por meio de uma tutora que está sempre disposta a ajudar e a aconselhar. Os professores devem trabalhar em equipes com o objetivo único no sucesso social dos alunos, devendo evitar que os problemas pessoais tanto dos professores quanto dos alunos interfiram nas aulas. Além disso, o colégio busca promover palestras que motivem os estudos e a vivência social pacífica diante das diferenças.

É importante ressaltar que estamos tratando do Colégio mais antigo da cidade e que o prédio atual foi usado como primeira cadeia pública de Anápolis. A infraestrutura das salas é antiga e o pátio possui um espaço apertado, dificultando a inovação metodológica e o desenvolvimento de eventos comemorativos.

Fundamentação teórica

Compreendemos inicialmente a realidade do colégio, conhecemos as salas, fomos apresentados aos alunos e analisamos o Projeto Político Pedagógico (PPP), e o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE). Depois de conhecer o público alvo e as condições para a aplicação do projeto, fomos instruídos a fazer leituras teóricas sobre as metodologias de ensino e como aplicá-las seguramente. Mas antes de tudo, trabalhamos o conceito de História, com diversos teóricos, principalmente o historiador Holien Gonçalves Bezerra.

Inicialmente, trabalhamos os referenciais teóricos sobre o uso do cinema no ensino de História, como por exemplo, o livro de Marcos Napolitano. No IV Simpósio Nacional de História do CIEAA, II Simpósio Nacional de História e I Colóquio da UEG na Escola, um trabalho sobre o filme Adeus Lênin, como sugestão de ensino/aprendizagem para as aulas de História.

O livro organizado pela historiadora Circe Bittencourt, O Saber Histórico na Sala de Aula, inspirou-nos a querer levar a importância da preservação da memória para a sala de aula. Mas antes de tudo, era preciso que os alunos conhecessem os conceitos básicos de tombamento, preservação, patrimônio, entre outros.

Segundo Oriá (2001), os patrimônios históricos no Brasil são pouco visitados e muitas vezes a própria população desconhece a sua existência, fato típico a um “país sem memória”. A preservação da memória local deve ser mais estudada nas escolas, para se formar cidadãos mais conscientes e com autonomia para exercer de modo pleno a cidadania. As disciplinas de humanas abrem esse espaço através das visitas patrimoniais, uma das mais ricas fontes do saber para o ensino/aprendizagem da disciplina de História. Esta pode ser uma metodologia muito eficaz para trabalhar conteúdos históricos através da observação do acervo dos museus, desde os simples utensílios domésticos aos documentos oficiais.

Mas, o professor deve estar atento à forma como os alunos interagem com a exposição, como analisa Luciana Sepúlveda Köptcke, doutora em museologia no Muséum national d’Histoire naturelle (MNHN) de Paris e coordenadora de Educação do Museu da Vida:

A avaliação, no âmbito do museu, permite considerar informações vindas diretamente do visitante, diminuindo a margem de incerteza no planejamento de exposições que valorizam a comunicação. Porém, é preciso estar atento à ilusão do acesso direto à percepção do visitante, àquilo que este pensa, sente, apreende da visita. Os procedimentos de avaliação são construções. [...] Certamente, durante o processo de coleta das informações, modificações vão ocorrendo no quadro de referência inicial, apontando novas questões, modificando premissas, mas estaremos sempre considerando o visitante através da “lente”, do olhar daquele que observa (KÖPTCKE, 2003, p.10).

O trabalho com as questões patrimoniais pode despertar nos alunos a consciência de passado e memória e levar à percepção de que esse patrimônio faz parte de suas vidas. Possibilita-se também que os alunos adquiram o conhecimento sobre fontes, que podem ser entendidas como artefatos que foram feitos no passado, podendo ser simples ou rebuscados, produzidos por pessoas de diversas faixas etárias.

Metodologia

Na visita ao Memorial do Cerrado, em Goiânia/GO, com a verba do PDE, nosso contato com os alunos tornou-se mais direto. Durante o desenvolvimento das atividades, montamos uma aula expositiva para o aprofundamento da compreensão sobre o Memorial e um painel com as fotos tiradas na visita, que foi exposto no pátio para ser visualizado e posteriormente, discutimos sobre as possíveis falhas e pontos positivos do projeto.

Das discussões que emanaram nas reuniões decidimos dar maior enfoque a uma metodologia específica, então, a equipe foi separada em duplas. Estávamos pensando em direcionar a pesquisa sem ter conflitos de horários, além que consideramos que as metodologias sendo divididas garantiriam melhores condições de pesquisa. Sabíamos o que devíamos pesquisar primeiramente e as etapas a serem desenvolvidas.

A dupla responsável pela iconografia e pelos mapas havia percebido desde o início do projeto uma dificuldade imensa relacionada à localização geográfica quando eram trabalhados os mapas nos livros didáticos. Aliado a essa deficiência no aprendizado, encontrávamos com a necessidade de levar o conteúdo sobre Entradas e Bandeiras no começo do ano letivo de 2013, de forma que os alunos entendessem coerentemente os acontecimentos históricos. Determinamos que aquele fosse o momento oportuno para desenvolver as atividades relacionadas a esta metodologia. Preparamos uma aula dinâmica usando slides. Outra ocasião que trabalhamos efetivamente com o uso de mapas e imagens foi durante o conteúdo dos movimentos sociais e das séries de revoltas ocorridas durante a República Velha.

Com o teatro conseguimos ganhar mais a atenção dos alunos e a entendê-los melhor, percebemos que alguns ficaram mais autoconfiantes e outros menos tímidos e mais abertos

com os bolsistas e com os colegas. Empenhamos em construir o enredo entrecruzando o coronelismo estudado em história regional com a história do colégio e com a biografia de Antensina Santana. A peça foi apresentada pelos alunos durante a festa de comemoração de 87 anos do colégio.

Levamos o cinema para a sala de aula com o filme mudo Encouraçado de Potemkin, do diretor Serguei Eisenstein, a produção cinematográfica de 1925 que se encontra consumadamente entre os maiores clássicos de todos os tempos. As cenas fortes retratando fatos reais que antecederam a Revolução Russa provocaram nos alunos reações de repulsa e revolta, instigando-os a querer compreender a situação dos marinheiros, culminando em despertar o interesse pelo conteúdo.

Com “O Diário de Anne Frank”, construímos a noção de sujeito histórico trabalhando o Nazismo. Fotocopiamos o livro e dividimos seus capítulos entre os alunos, em seguida pedimos para que cada um explicasse a sua parte. Podemos com isto, estimular a leitura e a interpretação.

Minha dupla se dedicou às pesquisas sobre Patrimônio Cultural. Tínhamos como objetivo ao utilizar esta metodologia, fazer com que os alunos percebessem que o museu é um local que guarda memória coletiva, a relação entre memória e história, o significado dos objetos do acervo, e que tais informações despertassem seus interesses, estimulando a criação de perguntas.

Durante o mês de abril, informamos os 9ºs anos sobre a visita ao museu e esclarecemos sobre a importância desta atividade para sua formação. Solicitamos a preparação de um ofício pela diretora que devia ser enviado aos órgãos competentes, para garantir a escolta policial até o Museu Histórico Aderico Borges de Carvalho, localizado em Anápolis/GO.

Os conceitos básicos, de patrimônio, preservação e tombamento, entre outros foram trabalhados pelos guias do museu e dentro da sala de aula. Afinal, de nada adiantaria fornecer conhecimentos se a sua importância for ignorada.

Selecionamos entre o acervo do museu, os materiais por onde iríamos direcionar a visita. Revisamos o conteúdo de História Regional e a temática do coronelismo. Elaboramos uma aula após a visita, para escutar e debater sobre o que provocou o interesse de cada aluno.

Em seguida, na sala de aula, os alunos entregaram as respostas das questões elaboradas pela professora supervisora, descrevendo a visita ao museu e qual os objetos que mais atraíram a sua atenção. Tais questões serviram para gerar discussão na sala de aula sobre a visão de cada um pelo mesmo objeto e a sua relevância histórica.

As diversidades culturais eram realçadas no olhar de cada aluno, quando este escolhia o seu artefato favorito. Podia-se ver a busca pela identidade coletiva, desde a sala das armas até a sala dedicada à fundação de Santana das Antas, atual cidade de Anápolis/GO.

Resultados e Discussão

Como resultado da aplicação da atividade no museu, os alunos descreveram como foram recepcionados pelo guia e sobre a estrutura do Museu, como por exemplo, esta resposta do aluno (A. M.): “Ao chegarmos, o guia nos contou a história sobre Anápolis, que no início havia apenas três ruas e na do meio estava a igreja. Estávamos visitando uma casa bastante antiga, cheia de objeto antigos, com portas altas e janela larga. Anápolis se chamava vila das Antas.”

Alguns alunos até chegaram a desenhar os objetos que acharam interessantes, a fim de expor melhor o que foi visto. Outros descreveram o que chamou a atenção, como podemos ver a seguir, a fala de (J. A.): “O objeto que mais me chamou atenção foi o telefone, pois não tinha números e também era gigante não como hoje que é pequeno e prático e, além disso, as pessoas tinham de falar com a telefonista para ela ligar os telefones.” Outra aluna (A. D. P.), fez o seguinte depoimento: “O que mais chamou minha atenção foi os aparelhos que os médicos usavam para enganar seus pacientes. Um espelho engordava e o outro emagrecia as pessoas. Outra coisa que me chamou atenção foi à geladeira dos anos 50. Que existe a 60 anos.”

Sobre o acervo e a sua importância historiográfica, os alunos ressaltaram em suas respostas sobre a conservação e os contrastes entre o passado e o presente (G. C.): “A conservação deve ser feita para nos mostrar o passado e sabermos o quanto o mundo mudou”.

Depois da aplicação bem sucedida no turno vespertino, também os alunos do turno matutino, a partir da repercussão do nosso trabalho, pediram à professora para visitarem o museu na parte da manhã. Diante desta situação, ampliamos a nossa atuação, repetindo a

atividade aplicada no outro turno. Obtivemos resultados similares e significativos, e a certeza de que os alunos darão maior atenção aos museus como fonte de preservação.

Considerações finais

Acredito que desde o período em que entrei para o subprojeto de História em 2012 até o momento atual, desenvolvi habilidades e competências desconhecidas a quem não teve a mesma oportunidade. Primeiramente, o choque de realidade entre o meio acadêmico e o cotidiano do ensino básico, pela leitura teórica e pelo conhecimento prático desta realidade. Isso amenizou a sensação de insegurança que é decorrente da falta de experiência na profissão, ao mesmo tempo em que abriu espaço reflexivo e questionamento sobre a atuação na sala de aula.

Verificamos que o uso do Patrimônio Cultural no ensino de História propiciou uma aprendizagem significativa. Ao expor os alunos em locais e circunstâncias que facilite a assimilação das relações sociais de um período distante, excita-os à curiosidade e diminui as tensões das aulas tradicionais embasadas somente no uso de caderno, quadro negro e livro didático. Além disso, conseguimos garantir o envolvimento do aluno com o acervo do Museu, construindo valores de preservação à memória e aprofundando a noção dos conceitos de história, identidade cultural, patrimônio, preservação e tombamento.

Percebemos que em alguns momentos era melhor deixar os alunos livres no museu, para que observassem os detalhes. Devido à quantidade de alunos serem grande e as salas pequenas, percebeu-se que alguns alunos ficaram dispersos, mas acompanhamo-los posteriormente tirando dúvidas e explicando o que não foi possível compreender.

Durante todo o projeto, aprendemos superando os nossos erros e falhamos pensando que havíamos aprendido, para acertar depois de entender onde estávamos errando. Conseguimos unir as nossas forças e superar nossas diferenças para trabalhar em equipe. Compreendemos o abismo entre gerações que rodeia o ensino básico e a forma de ver do professor, adquirimos uma nova postura, a de preceptor de ideias que orienta novos formadores de opiniões.

Universidade Estadual de Goiás
Coordenação Institucional do PIBID / Pró-Reitoria de Graduação
Anais do I Encontro do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID)
6 e 7 de junho de 2013

Constatei que a participação neste Programa contribui para o amadurecimento da bolsista como futuro profissional da área docente e como pessoa. Saber escutar a opinião do outro é a maior virtude para aprendermos, e é escutando o aluno que descobrimos como ele aprende. Somente a partir desta condição é possível aplicar qualquer metodologia garantindo resultados eficazes. Também é sabendo ouvir que trabalhamos em grupo e ganhamos confiança, possivelmente, esta é a maior lição que o projeto pode levar.

Agradecimentos

Agradeço ao fomento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID da CAPES, pela bolsa. Aos meus colegas bolsistas que foram os meus maiores companheiros. E a professora supervisora, ao colégio e a coordenadora do subprojeto pela paciência que tiveram por todo este período.

Referências

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: Conteúdos e Conceitos Básicos. In: KARNAL, Leandro (Org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003. p. 37-48.

BITTENCOURT, Circe (org.). O Saber Histórico na Sala de Aula. 5a ed. São Paulo: Contexto. 2001.

Colégio Estadual Antensina Santana, Anápolis/GO. Projeto Político pedagógico (PPP). Triênio 2010/2012.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Observar a experiência museal: uma prática dialógica? Reflexões sobre a interferência das práticas avaliativas na percepção da experiência museal e na (re) composição do papel do visitante. Caderno do Museu da Vida, Rio de Janeiro, p.5-21, 2003. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/omcc/media/paper%20Luciana%20publicado%20Workshop%20Gilson.pdf>> Acessado em: 17/04/2013.

MORAES, Allana Pessanha de. Educação patrimonial nas escolas: aprendendo a resgatar o patrimônio cultural. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/allana_p_moraes_educ_patrimonial.pdf> Data de publicação: 10/11/2006. Acessado em: 07/02/2013.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o Cinema na sala de aula. 2a edição. São Paulo: Contexto, 2005.

Universidade Estadual de Goiás
Coordenação Institucional do PIBID / Pró-Reitoria de Graduação
Anais do I Encontro do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID)
6 e 7 de junho de 2013

NOGUEIRA, Natania. Patrimônio Histórico Cultural: a identidade se constrói por meio da memória. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/gibiteca/patrimnio-histrico-cultural>>
Acessado em: 07/02/2013.